

Jacques Lambert, o notável autor de *Os dois Brasis* (Brasiliãna, 335, 2a. edição 1967), que já mostrara naquela obra o profundo conhecedor e, igualmente, profundo interessado em nossos problemas continentais, confirma com êste livro, acima de tudo político, sua capacidade de análise e de julgamento, sem par na bibliografia referente a tema de tão grande atualidade.

MANOEL LELO BELLOTTO

* * *

LAPA (José Roberto do Amaral). — *A Bahia e a Carreira da Índia*. São Paulo. 1968. Companhia Editôra Nacional. Coleção Brasiliãna nº 336. XXI + 382 páginas.

De *A Bahia e a Carreira da Índia*, a importante obra do Professor José Roberto do Amaral Lapa, praticamente já se disse o que merecia ser dito. Boxer, Mollat, Chaunu, Iglésias, entre outros, grandes historiadores brasileiros e estrangeiros, todos especialistas no campo da História Econômica, manifestaram-se, não regateando louvores ao exaustivo trabalho de pesquisa que o historiador campineiro empreendeu e que acaba de ser publicado como volume 338 da importante coleção "Brasiliãna", um trabalho que, antes de tudo, revelou coragem, "coragem de se meter por um campo mal desbravado antes", como dêle disse o eminente historiador português Serafim Leite. E ainda na apreciação do ilustre jesuíta é que encontramos a melhor recompensa para o trabalho de Amaral Lapa: o seu livro "vai constituir para o futuro a baliza número um". Resistindo à sedução de assuntos mais fáceis, com documentação mais acessível e que, certamente, serviria de sobejo para a finalidade a que se propôs, Amaral Lapa preferiu enveredar por uma senda mais áspera, valorizando extraordinariamente o título que pretendeu com o trabalho. Produziu uma obra que ficará na bibliografia histórica brasileira, "padrão de trabalho histórico, impondo-se pelo tema, pelo método, pela pesquisa, pela inteligência", como dela disse o professor Francisco Iglésias, da Universidade de Minas Gerais.

Considero um dos maiores títulos de minha já longa carreira de professor universitário o ter participado do júri que apreciou públicamente o trabalho de Amaral Lapa, pois originalmente êle foi apresentado como tese para o seu doutoramento em História, e eu me recordo com alegria daquela memorável tarde de 22 de abril de 1966 na Faculdade de Filosofia de Marília, quando, na companhia honrosa de Sérgio Buarque de Holanda, Francisco Iglésias, Olga Pawlão e do saudoso Wanderley Pinho, demonstramos, de público, nosso regozijo pelo trabalho que nos era oferecido a exame e apreciação. Um colega de Universidade, referindo-se ao trabalho de Amaral Lapa, estranhou: "Um trabalho tão importante para um simples doutoramento?" Sim. O caso é que Lapa, valorizando imensamente êsse "simples" doutoramento, deu uma lição de mestre a muita gente que, em busca de um carreirismo fácil, não tem titubeado em cometer as maiores "vigarices" não só em doutoramentos, mas o que é mais grave — até em concursos de cátedra! Essa a grande lição de Amaral Lapa: para o seu noviciado em História, apresentou obra de mestre, começando por onde a maioria acaba, ou melhor, por onde a maioria ... nem chega a atingir.

Apresentando *A Bahia e a carreira da Índia*, escreve Américo Jacobina Lacombe, responsável pela coleção "Brasiliãna": "Eis aqui um livro que enche de

alegria os estudiosos de História no Brasil por vários motivos. O primeiro é que êle representa uma fase nova na pesquisa. Não se trata mais de improvisar trabalhos extraídos de livros anteriores, encarando uma ou outra faceta, mas de material nôvo, extraído de fontes documentais, apurado, selecionado e ordenado com a mais rigorosa técnica científica, iluminando um aspecto até agora não encarado em nossa formação econômica e política. O segundo é que êle representa o resultado de uma colaboração de esforços de entidades portuguesas e brasileiras: a benemerita Fundação Calouste Gulbenkian, que proporcionou ao autor a possibilidade de acesso às principais fontes de informação documental, as direções dos arquivos portugueses e brasileiros e finalmente a Faculdade de Filosofia, de Marília, padrão de cultura no interior do país. De tôdas essas entidades recolheu o autor os elementos com que elaborou esta síntese que há alguns poucos de anos seria irrealizável. Tudo isso vem provar que é possível confiar na nova geração de historiadores. Ela tem capacidade de produzir e está conquistando os meios de aproximar-se das fontes de informação e de elaboração de trabalhos substanciosos. Acabou-se a era das improvisações e das compilações descoordenadas. Através dêste estudo começa-se a compreender o milagre da resistência, no meio de tantos obstáculos, do periclitante império comercial português, e o papel principal que nele representou o Brasil, não só pela sua posição geográfica, mas pelas riquezas com que veio engrossar a circulação de mercadorias. Nesse conjunto destaca-se — prova o autor à saciedade — o papel da Bahia como peça integrante e integradora dos quadros mercantis lusitanos. Trata-se, pois, de um estudo relevante de geografia histórica, de história econômica e história política, autêntico trabalho piloto que despertará muitos estudos complementares, pela sua originalidade e por sua indiscutível, serena e objetiva autenticidade”.

Pena que êste trecho esteja na “orelha” da capa, que o encadernador certamente cortará se mandarmos encadernar o livro. Deveria estar no texto, para que não se perdesse.

Uma vez que a crítica especializada já se manifestou sôbre *A Bahia e a carreira da Índia*, resta-me apenas, agora, externar minha satisfação por ver o trabalho de Amaral Lapa incluído na coleção “Brasiliana”, da Companhia Editora Nacional. Os que têm alguma familiaridade com estudos brasileiros sabem o que representa essa coleção no panorama da cultura brasileira. Fundada por Fernando de Azevedo em fins de 1931, a “Brasiliana” tornou-se logo reconhecidamente a mais vasta e variada coleção de estudos brasileiros, instrumento obrigatório de consulta a todos quantos, professôres e estudantes, se interessassem por qualquer setor da cultura vinculado ao nosso país. Sua apresentação, facilmente identificável em qualquer livreria ou biblioteca, estampava na capa o perfil estrelado do mapa do Brasil a duas côres, e por mais de trezentos volumes conservou a mesma capa, variando apenas as côres. Sômente a partir do volume 320 sofreu modificação na sua já tradicional apresentação. Seu campo de interesse foi sempre o mais variado: história, economia, política, geografia, biografias, sociologia, etnologia, lingüística, ciências naturais, relatos de viagens, enfim, tudo o que fôsse de interesse para a cultura brasileira. Publicado o primeiro volume em fins de 1931 (*Figuras do Império e outros ensaios*, de Batista Pereira), pouco mais de um lustro depois alcançava a primeira centena de volumes e ao completar a primeira década lançava o volume 200, escolhendo-se para esta comemoração a grande obra de Hartt sôbre a geologia e a geografia física do Brasil. De então para cá, o ritmo editorial diminuiu, publicando nos vinte e cinco anos subseqüentes menos

do que foi publicado no primeiro decênio. Últimamente retomou aleitado ritmo, estando atualmente com mais de 340 volumes. Por ela responde hoje Américo Jacobina Lacombe, chamado a substituir seu fundador quando Fernando de Azevedo, em virtude de compromissos com a Universidade de São Paulo, não pôde continuar com encargos junto à grande editôra.

Essa, a importante coleção que acaba de ser enriquecida com o valioso trabalho do historiador campineiro José Roberto do Amaral Lapa, atualmente professor da Cadeira de História do Brasil da Faculdade de Filosofia de Marília. Interessado igualmente na história de sua cidade, Amaral Lapa tem em preparo alguns trabalhos sobre Campinas. Algumas primícias já nos foram reveladas em publicações periódicas. Aguardamos para breve o trabalho definitivo.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

* *
*

ARAÚJO FILHO (José Ribeiro de). — *Santos, o pôrto do café*. Rio de Janeiro. Instituto Brasileiro de Geografia. 1969. 200 páginas: (Biblioteca Geográfica Brasileira, volume 24).

Historiadores e geógrafos voltam-se para o estudo dos portos. É significativo o número de trabalhos, no campo da pesquisa histórica, procurando reconstituir o interesse e a importância dos portos do complexo do Atlântico, indispensável para o estudo da história econômica moderna. Um historiador brasileiro — o Professor José Ribeiro do Amaral Lapa — acaba de dar um exemplo em nosso país, ao estudar a função do pôrto da Bahia nas “carreiras da Índia”. No Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, igualmente, pesquisas vêm sendo feitas sobre a geografia portuária e pelo menos três importantes portos brasileiros já foram estudados. Vem a lume, em primeiro lugar, o importante trabalho de Araújo Filho, originalmente uma tese de livre-docência apresentada à Cadeira de Geografia do Brasil da Universidade de São Paulo. Sua vivência com a baixada já vem de longe, como o prova a simples relação dos trabalhos que publicou. Neste seu novo livro, primorosamente impresso e ricamente documentado, procura “caracterizar as funções econômicas do pôrto brasileiro que no último quarto do século atingiu o maior nível de movimentação”. Sendo impossível desligar o estudo do pôrto de Santos em relação à análise do comércio do café — lembra ainda o autor — “será preocupação nossa esmiuçar, tanto quanto possível, a estrutura da comercialização do principal produto de exportação do país. Tentaremos, outrossim, estabelecer as diferentes áreas de influência do grande pôrto, sua hinterlândia imediata, sua hinterlândia específica (área cafeeira) e suas hinterlândias conflitantes. Ainda que o tema central da pesquisa seja a análise do pôrto que detém o alto comércio do café, será também preocupação nossa demonstrar o extraordinário aumento e diversificação do setor importação, particularmente no que diz respeito aos granéis líquidos e sólidos. Evidentemente, tais modificações qualitativas e quantitativas que ocorreram a partir do entremeio das duas grandes guerras, mas que se acentuaram nos últimos vinte anos, devem-se à explosão desenvolvimentista da era industrial paulista e do *core* geo-econômico do Brasil de sudeste e, *latu senso*, do próprio centro-sul brasileiro. Forçosamente tais metas nos obrigam a considerar básico sempre que necessário o famoso binômio São Paulo-Santos” (da introdução).

ODILON NOGUEIRA DE MATOS